

# NARRATIVAS DE BATALHAS: DAS CRÓNICAS AO TEATRO POPULAR POR ENTRE LIVROS DE CAVALARIAS

Margarida Santos Alpalhão  
IELT, FCSH-Universidade Nova de Lisboa

«Il ne s'agit plus d'étudier simplement le vocabulaire des images ou de les classer en champs notionnels, il s'agit aussi de rendre compte d'une syntaxe de l'imaginaire.»  
Philippe Walter (1998: 52)

Sabemos todos que é conhecida e várias vezes mencionada a ligação de Carlos Magno e dos seus Doze Pares às Cavalladas<sup>1</sup>. O que vos proponho aqui é verificar como a imagem do mítico Imperador e dos seus Pares perdura, até aos nossos dias, em vários textos de diferentes épocas, contribuindo, através de derivações e recriações, para a sintaxe do Imaginário cultural ocidental, e sul-americano, que permanece nos nossos dias sob a forma de batalhas fictícias ou desfiles encenados. Dito de outro modo: porque falamos em 2015 de lutas entre mouros e cristãos, servindo-nos de nomes e figuras de uma batalha ocorrida em 778? E porque perduram estas imagens, veiculadas de formas variadas por diferentes meios, ao longo de treze séculos?

Estou convicta de que, para compreender esta permanência, não nos basta seguir a história de vários textos e imagens ou a história de cada versão de alguns deles. Necessitaremos ir mais longe no tempo e mais fundo na análise, isto é, será necessário perscrutar as raízes culturais europeias, designadamente as indo-europeias. Precisamos servir-nos, simultaneamente, de uma metodologia própria dos estudos sobre Imaginário. Abordar vários testemunhos, de diferentes géneros, de épocas diversas, para, a partir do texto e da imagem, tornar visível o que os liga e separa e como as imagens, verbais ou icónicas, se organizam na construção do Imaginário europeu ocidental e sul-americano é a minha proposta.

## 1. três textos e uma imagem

Numa perspetiva literária, o primeiro testemunho sobre Carlos Magno e a mítica batalha de Roncevaux é a *Vita Karoli imperatoris* de Eginhard (redigido sob Louis Le Pieux, cerca de 826). O texto ali dedicado à batalha é um breve capítulo, o nono: este

---

<sup>1</sup> A título de exemplo vejam-se Cascudo (1977 e 1984), Ourique e Jachement (1997), Meyer (1995), Pereira (1984), Silva (2001) e Hidalgo (1988), designadamente para diferentes países e regiões.

não nomeia o local, nem refere os muçulmanos, nem menciona os Doze Pares – limita-se a referir, além de vários– «conpluribus» –, Eginhard, «préposé à la table royale», Anselme «comte du palais» e Roland «préfet de la marche de Bretagne» (EGINHARD 2014: 22-23). A obra revela, no entanto, um conjunto de informações fundamentais sobre Carlos Magno: as suas origens, o seu aspeto físico, o seu interesse pelas línguas e pela cultura letrada, a sua família, as batalhas e as ações caritativas e de apoio à Igreja.

O segundo texto é a *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, do pseudo Turpim, de que se conhece mais de uma centena de testemunhos. Não obstante, a tradição designa também a *Historia...* como *Crónica do Pseudo Turpim*. Um destes testemunhos é o conhecido *Codex Calixtinus*, do século XII, onde a *Historia* corresponde ao livro IV. Apesar de os testemunhos serem tardios, o autor afirma ser uma testemunha ocular das batalhas de Carlos Magno. Não se estranha, hoje, que o facto literário permita a mistura de tempos e de figuras, como de resto afirma Jean Subrenat (2011: 85). Texto instaurador da peregrinação a Santiago de Compostela, que afirma como segunda sede apostólica depois de Roma e antes de Éfeso, encontramos nesta *Historia...* a associação dos cavaleiros de Carlos Magno aos Doze Apóstolos de Cristo, bem com a comparação da traição de Ganelon à de Judas [Iscariotes]. A proteção do apóstolo Tiago a Carlos Magno é recorrente ao longo do texto.

O terceiro texto surge perto do ano de 1100: a *Chanson de Roland*, de Turoldo. A versão conservada no manuscrito de Oxford é o testemunho mais antigo da obra. Tanto esta versão, escrita em verso branco, como uma versão rimada (de meados do século XII) conheceram franco sucesso, e não apenas em França. É daquela primeira versão que surgirão os Doze Pares, uma vez que aí são nomeados.

De modo diverso, como se depreende, os textos relatam o regresso de Carlos Magno e das suas tropas a França, após a conquista aos mouros de várias cidades peninsulares (durante 7 ou 14 anos, respetivamente segundo a *Chanson de Roland* ou a *Historia...*). Na passagem dos Pirenéus, as tropas acompanhadas por Roland e Olivier são alvo de uma emboscada onde, apesar de se bater denodadamente, o exército carolíngio perece, nomeadamente os dois afamados cavaleiros Roland e Olivier (Roldão e Oliveiros). A emboscada fora preparada com o acordo e a ajuda de Ganelon (Galalão), aquando de uma embaixada a Marsile (Marsílio), rei de Saragoça.

Para a nossa análise, consideramos aqui a *Vita...* e a *Historia...* como os dois primeiros textos essencialmente por duas razões: ambos foram escritos em latim e ambos apresentam prefácios que colocam os autores como testemunhas oculares dos factos narrados. E se, no primeiro caso, a História parece corroborar o facto enunciado, relativamente ao segundo texto, a situação é diversa. Eginhard afirma no prefácio:

«je ne pouvais rien écrire qui fut plus vrai que ces événements au cœur desquels je me suis personnellement trouvé, dont j'ai une connaissance assurée pour les avoirs vus se dérouler, comme on dit, sous mes propres yeux» (EGINHARD, 2014: 91).

E no prólogo da sua *Historia...*, Turpim regista:

«je n'hésite pas à affirmer comme étant hors de doute les détails de ses hauts faits admirables et ses triomphes dignes d'éloge sur les Sarrasins d'Espagne et de Galice, que j'ai vus de mes propres yeux pendant les quatorze ans au cours desquels j'ai parcouru l'Espagne et la Galice avec lui et ses armées» (GICQUEL, 2003: 525).

Ainda que os factos históricos nem sempre confirmem o enunciado das obras, quanto à presença dos narradores, escrevê-los na primeira pessoa imprime desde logo uma autoridade acrescida ao texto. O primeiro texto refere ainda os seus antepassados, as esposas e os filhos (EGINHARD, 2014: 40-9); em ambos se menciona a sua proteção e apoio à Igreja (EGINHARD, 2014: 60-3), (GICQUEL, 2003: 535).

Importa também registar desde já algumas imagens decorrentes destas obras. Dos dois primeiros textos emergem duas imagens de Carlos Magno não completamente sobreponíveis: uma, descrita por Eginhard, que apresenta um Carlos Magno corpulento e robusto, de cara feliz e sorridente<sup>2</sup>, de 7 pés de altura, dedicado à caça, à equitação, à natação, ao estudo e às línguas (EGINHARD, 2014: 52-3, 58-9), e trajando habitualmente à maneira franca (EGINHARD, 2014: 54-5); outra, apresentada por Turpim, revela um Imperador corpulento e robusto, mas de tez rosada e cara sisuda<sup>3</sup>, de cabelo castanho<sup>4</sup>, com barba de palmo, de 8 pés de altura (GICQUEL, 2003: 561), tendo feito representar as Sete Artes Liberais no seu palácio (GICQUEL, 2003: 580-2). Destas duas figuras complementares, a que vai perdurar na iconografia é a imagem de Turpim: são bastante raras as iluminuras que mostram Carlos Magno sem barba. Tanto nas

---

2 «facielaeta et hilari» (EGINHARD 2014: 50).

3 «facierubeus» e «visuefferus» (CASTETS 1880: 39).

4 «capillisbrunus» (CASTETS 1880: 39).

iluminuras medievais como em outras representações, vemos estátuas e pinturas de um imperador barbudo. Os vitrais da catedral de Chartres são disso exemplo paradigmático, como afirma Jean Subrenat (2011: 72). A exceção mais marcante é um denário, moeda cunhada por volta de 812-814, onde a efígie surge imberbe.

Os Doze Pares de França surgiram a partir das duas últimas obras mencionadas: a *Historia Karoli Magni et Rotholandi* e a *Chanson de Roland*. A primeira nomeia 33 guerreiros, dos quais apenas 6 coincidem com os 12 da *Chanson...*, como se pode ver no quadro abaixo.

<i>Historia Karoli Magni et Rotholandi</i> (chapitre XI, p. 543-4)		<i>Chanson de Roland</i> (v.792-802, p. 124-5)
Turpin, <b>archevêque</b> de Reims	Lambert, souverain de Bourges	<b>Roland</b>
<b>Roland</b> , comte du Mans et de Blaye	Constantin, préfet de Rome	<b>Olivier</b>
<b>Olivier</b> , comte de Genève	Renaud d'Aubespain	<b>Gérin</b>
Estout, comte de Langres	Gautier de Termes	Gérier
Arastagne, roi des Bretons	Guielin	Othon
Engelier, duc de la ville d'Aquitaine	Garin, duc de Lorraine	<b>Bérenger</b>
<b>Gaifier</b> , roi de Bordeaux	Begon	Astor
<b>Gerin</b>	Albert de Bourgogne	Anséis
Gelin	Béraud de Nobles	Gérard de Roussillon
Salomon, le compagon d'Estout	Guinard	<b>Gaifier</b>
Baudouin, le frère de Roland	Estourmi	l' <b>archevêque</b>
Gondebaud, roi de Frise	Thierry	Gautier [de l'Hum]
Hoël, comte de la ville de Nantes	Ivoire	Ganelon *
Sanson, duc de Bourgogne	<b>Berenger</b>	
Arnaud de Beaulande	Athon	
Naime, duc de Bavière	Ganelon *	
Ogier, roi de Danemark		

A associação entre os Doze pares e os Apóstolos de Cristo surge na *Historia...*:

«Comme notre Seigneur Jésus-Christ a fait la conquête du monde avec ses douze apôtres et ses disciples, ainsi Charles, roi des Français et empereur des Romains, a fait avec ces combattants la conquête de l'Espagne pour l'honneur du nom de Dieu.» (GICQUEL, 2003: 544).

Aliada a esta associação entre os cavaleiros de Carlos Magno e os doze apóstolos, uma outra é feita entre a ação de Ganelon e a traição de Judas, também na obra de Turpim. De resto um dos Doze Pares da Chanson de Roland apenas é nomeado pela sua função de arcebispo, «arcevesque» (CHANSON, 1993: v. 799). Este arcebispo é identificado como sendo Turpim, por André de Mandac (1993: 147-8).

O sucesso destas obras, designadamente a da *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, ligada a Santiago de Compostela (Galiza, Espanha), a ação de Carlos Magno, o contexto histórico das cruzadas nos séculos XI-XII, a canonização do imperador em 1165 facilitaram e promoveram a construção daquela imagem e contribuíram para desenvolver a identidade de um povo, da Europa ocidental e da religião católica. Nessa Europa, Carlos Magno tornou-se uma figura heroica, mitificada, cuja imagem se inscreveu como figura tutelar no Imaginário cultural, tanto erudito como popular, atualizando a figura crística, já não num contexto judaico-cristão frente ao romano, mas num contexto católico face ao maometano.

A *Historia Karoli Magni et Rotholandi*, integrada no conjunto de textos fundadores da importância de São Tiago e de Compostela, ficará indissociavelmente ligada à promoção daquele lugar de culto. A ligação entre o Imperador Carlos Magno e a Igreja materializa-se também pelo verbo (a palavra) e pela imagem.

A *Chanson de Roland*, texto considerado, por alguns estudiosos, fundador da cultura e da literatura francesas (DUFOURNET, 1993: 10), corroborando a sua função no Imaginário cultural do ocidente europeu, serviu de pretexto e facilitou o desenvolvimento de um significativo conjunto de textos considerados hoje canções de gesta. Algumas destas gestas, recuperam personagens e motivos encontrados nestes dois textos matriciais. Estas gestas veiculam não raro influências Indo-europeias, transmitindo designadamente a ideologia das três funções, conforme registadas por Georges Dumézil (1995).

Em certa medida, a partir destes textos inicia-se uma miscigenação e uma apropriação de temas de modelos anteriores através de um processo de empréstimo e reescritas. O cavaleiro substitui o herói – o herói dos antigos mitos indo-europeus e dos romances antigos – como refere Alain Michel (1987: 14). E este cavaleiro medieval acabará por integrar e representar tanto a faceta de herói guerreiro intrépido como a feição do cavaleiro amador perfeito da Matéria de Bretanha.

A imagem de Carlos Magno e dos seus Doze Pares surge portanto, a partir do século XII, como uma reconfiguração da figura de Cristo e dos seus Doze Apóstolos.

## **2. a permanência da imagem**

A *Historia Karoli Magni et Rotholandi* parece ser dos raros textos dedicados a Carlos Magno. A *Chanson de Roland* é o canto de Rolando.

A imagem do Imperador e estes textos vão dar forma, de modo mais ou menos direto, a vários outros textos ao longo dos séculos seguintes, até aos nossos dias. Ainda durante a Idade Média podemos encontrar várias obras decorrentes das personagens, dos motivos e dos temas veiculados pelos textos mencionados, verdadeiramente fundadores. Estas obras carolíngias dão origem, em França, a um conjunto de canções de gesta em torno dos cavaleiros do Imperador a que hoje a crítica se refere como ciclo do Rei ou Carolíngio. E as literaturas da Europa ocidental vão também conservar, reconfigurando-os, alguns motivos e várias personagens surgidos naqueles textos.

Além da recorrência da onomástica ao longo dos séculos, e recordemos que o nome é uma «memória mítica» como diz Philippe Walter (1998: 54), a batalha entre cristãos e sarracenos ganhará outros contornos literários logo a partir da Idade Média. No âmbito da Literatura Portuguesa, Márcio Muniz (2014: 169) já registou o isomorfismo simbólico das palavras mouro, turco e maometano a pretexto do teatro vicentino, simbolismo ao qual podemos juntar o do sarraceno.

Mas ainda no século XII, surge uma outra obra fundamental para a nossa perspetiva: *Fierabras* (ou *Conquêtes de Charlemagne*, como também é conhecida), escrita por volta de 1190. Nela se conta a conquista de Espanha, três anos antes de Roncesvales (778), país onde Carlos Magno deve recuperar as relíquias que Balan (Balão) confiscou a São Pedro de Roma. Este texto coloca frente a frente o cavaleiro homónimo, Fierabras, rei de Alexandria e senhor da Babilónia, e Olivier, companheiro de Roland, acabando a batalha entre ambos por levar à conversão do adversário. A irmã de Fierabras, Floripas, converte-se também e casa com um cavaleiro cristão, Gui de Bourgogne.

*Floovant*, outra canção de gesta, anónima, também de finais do século XII, alia duas gestas distintas (a de Clovis e a de Carlos Magno), e retoma o tema do casamento do cavaleiro herói com uma sarracena, tal como o seu companheiro Richier.

As gestas carolíngias (as do Rei e as dos seus vassallos<sup>5</sup>), a par dos romances arturianos, dão forma a conjuntos de ciclos de textos medievais. E muitos atravessam fronteiras, chegando à Europa do Norte. A tradução (entenda-se tradução no sentido medieval do termo) ou a apropriação e reescrita dos textos, sendo completamente outra a noção de autor, é uma prática na época. Os ecos destas temáticas ou as referências a estes textos na Península Ibérica são documentáveis ainda na Idade Média.

No caso Português, os *Livros de Linhagens*, sem referirem expressamente aquela gesta francesa, mencionam que – numa refrega entre Dom Rodrigo Froiaz e os mouros – «posseromnos em par dos doze pares» (PMH, 1861: 283). E Mário Martins (1983: 357-64) refere outros exemplos, a saber: as *Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, o *Livro das Kalendas* da Sé de Coimbra; a *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Teófilo Braga (1905: 30-32), além dos *Portugaliae Monumenta Historica*, menciona outros e adianta várias equivalências lexicais: Ganelon e Galalão, Balant e Balão, Roland e Roldão ou Eginhart e Gerinaldo, entre outros. Várias personagens desta obra perduram tanto na literatura como no léxico portugueses.

Com o advento da imprensa, algumas canções de gesta foram impressas desde cedo, como aconteceu com *Fierabras* (Genève, 1478), o que atesta o seu sucesso. Traduzido para castelhano em 1528, sob o nome *Historia de Carlomagno y de los Doce Pares de Francia*, a obra só saíria do prelo em português em 1732, sob o título *Historia do imperador Carlos Magno e dos doze pares de Francia*<sup>6</sup>. Dada a importância do castelhano em Portugal, de quinhentos a setecentos, como documenta Ana Isabel Buescu (2004), e sobremaneira no século XVI, não parece de estranhar que só após a Restauração da Independência se imprima tradução portuguesa da obra. Tanto mais que, em 1613, uma edição do Carlo Magno castelhano é impressa em Lisboa (Martins, 1982: 387). Mário Martins enuncia claramente, de resto, a filiação da obra no *Fierabras* francês (MARTINS, 1982: 377-99).

A tradução da *Historia do imperador Carlos Magno...* para português não deixa, no entanto, de ser um sucesso editorial:

---

5 Divide-as Firmin Didot no seu **Essai de Classification Méthodique et Synoptique des Romans de Chevalerie**. Paris: A. Firmin Didot, 1870, mas Claude Fauriel já as mencionara como «romans carlovingiens» em 1832. É a classificação de Fauriel que Pascual de Gayangos (1857: XII-XXI) considera.

6 Traduzida do castelhano por Hironymo Moreyra de Carvalho, publicada em Coimbra, na Oficina de Joseph Antunez da Sylva, Impressor da Universidade (Dividido em Quatro Livros). Em 1737, em Lisboa, Na Oficina de Mauricio Vicente de Almeйда, a obra é impressa com primeira e segunda partes.

1. a primeira edição data de 1732: Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de Francia. Traduzido de Castelhana em Portuguez com mais elegancia para a nossa lingua. Por Hieronymo Moreira de Carvalho. Dividido em Quatro Livros, Coimbra, na Officina de Joseph Antunez da Sylva, Impressor da Universidade.

No mesmo século, surgem ainda duas outras edições em Lisboa:

1737, na Officina de Mauricio Vicente de Almeyda, e

1799-1880, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

a) Desta obra, no século XIX, encontramos mais seis edições em Lisboa:

1831, 1851, 1858 e 1863, na Tip Rollandiana,

1875, por Mattos Moreira,

ec. 1880, na Typ. Rolland&Semioud.

2 José Alberto Rodrigues publica, logo em 1742, uma versão curta, diferente, com três edições no século XVIII: a Historia do Emperador Carlos Magno, E dos Doze Paares De França. Contem a grande batalha, que teve com Mallaco Rey De Fés, e outra, também de 1742, denominada Historia Nova do Emperador Carlos Magno e dos Doze Páres De França, ambas na oficina de Pedro Ferreira. A terceira edição, de 1759, com este último título, é impressa por Antonio Vicente da Silva. As três impressas em Lisboa.

a) No século XIX, desta versão, encontramos seis edições em Lisboa e no Porto:

1813 (Lisboa: Imprensa Regia), Historia Novado Emperador...,

1846 (Lisboa, Typ. Mathias José Marques da Silva), Historia do Emperador

...

1851 (Porto: Typ. Sebastião José Ferreira), Historia Novado Emperador...,

1858 (Porto: Typ. Sebastião José Ferreira), Historia do Emperador...,

1877 (Lisboa, Antiga Casa Marques Cego), Historia do Emperador...,

1885 (Porto: Liv. Portugueza), Verdadeira Historia do imperador Carlos Magno...,

O século XX verá ainda duas edições da primeira versão desta obra, a última das quais em 1940. De resto a versão curta, em folheto, atesta o sucesso da tradução de Jerónimo Moreira de Carvalho, na medida em que:

«Cada folha, folhinha, folheto ou livrinho de cordel permite, em última instância, descobrir a vivência popular (no seu sentido mais amplo) e o discurso que transporta essa outra visão ou teoria social do mundo» (NOGUEIRA, 2912: 218).

A Matéria de França, como a apelida Teófilo Braga (1905: 40), não era desconhecida na Idade Média portuguesa como vimos, mas será posteriormente que o registo escrito das façanhas do Imperador e dos seus Pares será mais notório na Literatura Portuguesa, ainda quando de modo indireto.

Em *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, obra de 1543 ou 44, também cristãos e turcos batalham. A família textual assumida pela narrativa é múltipla: o ciclo castelhano dos Palmeirins e a Matéria de Bretanha. As referências a Palmerín de



Oliva e a Primaléon, bem como a Amadís de Gaula e às Sergas de Esplandián encontram-se na obra. A personagem de Rosiram de la Brunda inscreve-se diretamente na genealogia de Tristão e Isolda<sup>7</sup>.

Em brevíssimo resumo: Palmeirim e o irmão Floriano são raptados à nascença enquanto o pai, D. Duardos, se encontra prisioneiro pelo gigante Dramusiando e pela sábia Eutropa, sua tia. Já armados cavaleiros pelos avós, libertam D. Duardos e os cavaleiros que, na sua demanda, haviam ficado também prisioneiros. Depois de múltiplas aventuras ocorridas entre a «belicosa Lusitânia» e Constantinopla, algumas com o turco Albaizar, e depois de casados os cavaleiros, os turcos ameaçam a corte grega, «a mais nobre do mundo» (MORAES, 2009: 1072): todos se juntam a Palmeirim de Oliva, imperador grego, e a Primaleão, seu filho, para defender a cidade de Constantinopla da ameaça e do cerco turcos.

Num dos episódios da obra<sup>8</sup>, antes da tomada de Constantinopla, o Sultão da Pérsia, autorizado por Albaizar, capitão turco, propõe a Palmeirim uma batalha recreativa, através de um embaixador:

«— Alto e poderoso Principe, o Soldam de Persia meu senhor com licença e consentimento d’Albaizar seu capitam e de todo o exercito dos turcos diz, que porque algum tanto se acha descontente do que na justa de vosso neto Floriano lh’aconteceo, pera seu contentamento folgaria tornar-se a ver co’ele, e ha de ser desta maneira, que Vossa Alteza consinta que doze cavaleiros de vossa casa, dos quais mais confiança tiver e ele antr’eles com seguridade dũa banda e outra possam justar e haver batalha com outros doze turcos de que ele sera capitam. Isto se faça defronte das janelas da Emperatriz porque suas damas vejam o preço de cada uns, e nelas estê deixar ir a batalha avante ou nam, posto que bem sabem que nisto cometem mau partido pera si. E se acabada a batalha ficarem tais que possam /256a/ vir a serão, pede por merce a Vossa Alteza que o queira ter e lhe dar licença que venham a ele, e a senhora Emperatriz o consinta, porque a fama da fermosura de sua casa faz este desejo a quem nunca a vio.» (MORAES, 2009: 1073-4)

Aceite a proposta pelo Imperador Palmeirim, vemos o Cavaleiro do Salvaje, outro nome de Floriano, escolher para companheiros de batalha (MORAES, 2009: 1075-6):

<b>Cristãos</b>	<b>Turcos</b>
Palmeirim d’Inglaterra seu irmão, o príncipe Florendos, Graciano,	.Soldam de Persia .el rei de Etolia .Arjelao, principe d’Arfasia

7 Moraes, Francisco de (2009: 227).

8 *Idem*, capítulos CLXII e CLXIII, p. 1071-1081.

Beroldo, Floramam rei de Cerdenha, Blandidom, Platir, Pompides, el rei Estrelante d'Ungria, dom Rosuel, Franciam filho d'el rei Polendos, Dom Rosiram de la Brunda	.coatro principes herdeiros de reinos poderosos .outros cavaleiros de gram preço
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------

Conhecemos os Doze Pares de Floriano, em Palmeirim de Inglaterra, mas não são nomeados os doze turcos na sua totalidade. Esta ausência de nomeação introduz desde logo um desequilíbrio, uma fraqueza do rival, prenúncio do desenlace do confronto. Não acontece assim na *Chanson de Roland*<sup>9</sup> e não acontecerá assim nas duas batalhas que determinarão a destruição de Constantinopla em Palmeirim de Inglaterra.

O que se segue ao momento recreativo que este episódio introduz na narrativa (além de uma batalha entre os gigantes Dramusiando e Framustante) é no entanto de outra ordem: os capítulos 165 a 169 dão conta de duas batalhas, da morte do Imperador Palmeirim de Oliva e de um conjunto de outras desventuras (MORAES, 2009: 1088-1140). Nos três últimos capítulos do texto, Daliarte toma várias providências: recolhe os mortos, designadamente o Imperador, aconselha os habitantes da cidade e trata das obséquias. O sacrifício do Imperador, de vários dos seus cavaleiros e da cidade de Constantinopla encerram simbolismos e significados variados, quase sempre isomorfos do sacrifício que encontramos na *Chanson de Roland* ou *Historia Karoli Magni et Rotholandi*. O contexto histórico-literário e religioso do momento deve ser um fator a considerar nas variações verificadas.

Aquele episódio da batalha dos Doze por Doze permite estabelecer uma relação com os também lendários Doze Pares de Inglaterra, os quais bem podem ter raiz semelhante, ainda que em contexto histórico e cultural diverso. Na realidade, parecem aqui amalgamar-se elementos de duas tradições ao associar-se o motivo da batalha entre cristãos e turcos, recuperando a Matéria de França, ao motivo da defesa da honra das

---

9 Ali, em perfeita simetria face aos cristãos surgem: o sobrinho de Marsílio é o primeiro, seguindo-se-lhe Falsaron, irmão de Marsílio, o rei Corsablis, Malprimis de Brigant, um emir de Balaguer, um almançor de Moriane, Turgis de Tortelose, Escremis de Valterne, Esturgant e Estremarit, Margarit de Sevilha e Chernuble de Munigre (DUFOUNET 1993: 130-141).

damas pelos cavaleiros, motivo oriundo da Matéria de Bretanha. Os dois elementos entrecruzam-se nestas páginas de Moraes.

Não há coincidência de nomes entre os Pares de França e estes cavaleiros, de origem literária, mas o tópico não deixa de lembrar o episódio da gesta francesa. A desfeita dos Pares pode encontrar-se na feroz batalha que destruirá Constantinopla e que se segue na obra de Moraes. A natureza literária deste confronto não parece alhear-se totalmente de alguns factos históricos: a queda do império Romano do Oriente e o facto de, no momento da produção da obra, a década de quarenta do século XVI, se encontrarem dois impérios em confronto: o Sacro Império Romano-germânico, tutelado por Carlos V (de 1519 a 1558), e o Império Otomano, dirigido por Solimão, o Magnífico (de 1520 a 1566).

Na Literatura portuguesa encontramos ainda outros ecos e outras representações do Imperador e dos seus Pares.

O *Romanceiro Geral Português*, de Teófilo Braga (1982), apresenta um conjunto significativo de textos em que se encontram menções diretas e ecos vários da matéria carolíngia: Carlos Magno, D. Gaifeiros, Reginaldo (ou Gerinaldo, Geraldo, Gerinardo), Flores e Ventos (Floovant), etc. são apenas alguns dos personagens que ali aparecem e que se ligam àquela tradição textual.

De entre várias versões teatrais populares, a obra *Os Doze Pares de França* ou a Floripes de Palme (MACIEL, 1932) é apenas um dos testemunhos da permanência da matéria no território português. A semelhança e proximidade com o Auto de Floripes esconde-se sob designações tão variadas como Auto de Santo António, Auto da Turquia ou Auto dos Turcos, Baile dos Turcos, Comédia dos Doze Pares de França, Auto dos Sete Infantes de Lara, Dança dos Bugios e Mourisqueiros ou Combate de Mouros e Cristãos. A localização, de norte a sul do país, inclui os concelhos de Barcelos, Bragança, Covilhã, Olhão, Paços de Ferreira, Ponte de Lima, Valongo, Viana do Castelo e Vimioso (RAPOSO, 1998:194).

Curioso neste conjunto, por divergir das versões nomeadas, é o desfile das cavalladas da Ribeira Seca e Ribeira Grande (S. Miguel, Açores). Ali não se encontra uma luta entre cristãos e mouros, mas um desfile de cristãos, anunciado por alampas, alâmpadas ou lampas, (GAUDÊNCIO, 2006: 60-61) que, seguindo um Rei de longas barbas, se dirigem ao divino Espírito Santo, no dia de São Pedro (29 de junho). Estas

cavalcadas foram inclusive objeto de emissão de um selo postal em 1981 (KULLBERG, 2007).

Estas encenações passaram a outras terras, provavelmente por mão dos povoadores das terras conquistadas aquando das Descobertas, ou depois. De entre vários exemplos, refira-se o caso do Tchiloli ou a Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno, em São Tomé (PEREIRA, 2011; VALVERDE, 1998), bem como das cavalcadas brasileiras, segundo José Rivair Macedo (2008), das quais as de Pirenópolis são sobejamente conhecidas (SILVA, 2001).

### **3. para uma sintaxe do imaginário carolíngio**

Mais que um inventário de imagens, verbais ou icónicas (importadas, adaptadas e recriadas), do motivo do mítico Imperador Carlos Magno e dos seus Doze Pares, importa procurar compreender se a sua recorrência contribui para a construção de significados, e se sim, como o fazem. E, de modo ainda provisório, adianto algumas reflexões sobre o modo e o significado que me parecem emergir deste conjunto de textos de épocas tão diversas e de manifestações culturais variadas.

A propósito da *Chanson de Roland*, Helder Godinho (1989) demonstrou como o espaço da personagem régia dependia da eliminação dos seus duplos e de como esse espaço da personagem é indissociável do seu espaço identitário. Nos três textos fundadores, a *Vita Karoli imperatoris*, a *Chanson de Rolland* e a *Historia Karoli Magni et Rotholandi* encontramos o mesmo motivo do sacrifício do duplo. E se no primeiro texto não se encontra o castigo do traidor, o texto não deixa de referir que:

«Sur le moment, il était impossible de venger ce forfait parce que l'ennemi, son embuscade perpétrée, se dispersa de telle manière que l'on avait aucune information sur l'endroit où l'on aurait bien pu le rechercher.» (EGINHARD, 2014: 23).

A situação parece, no entanto, do ponto de vista do Imaginário, corrigida nas duas outras obras, onde o traidor é castigado. Não é de resto inócua que o pseudoTurpim associe esta traição à de Judas.

O que acontece, no entanto, na portuguesa *Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, na sequência do *Fierabras* francês parece ser algo diferente. Neste caso, a recorrência da vitória sobre o infiel, a sua conversão e integração religiosa,

social, e, a determinado nível, identitária, concorrem para o mesmo objetivo e contribuem para a manutenção da Grande Ordem. Mas o processo e o percurso são de outra natureza.

Enquanto os primeiros textos se apresentam como supostos relatos de testemunhos dos factos, acentuando o seu aspeto fundacional, a confabulação acentuou-se sobremaneira tanto naquelas narrativas carolíngias francesas e portuguesas, como em *Palmeirim de Inglaterra*, onde a possível estranheza do episódio dos doze por Doze, um momento recreativo entre rivais antes de uma grande batalha – a da destruição de Constantinopla; a morte do Imperador, momento sacrificial–, ainda mantém alguns traços dos textos fundadores. Encontramos o mesmo binómio espaço da personagem/espaço identitário que antes. Aqui, cidade e personagem revelam-se as duas faces do mesmo tópico: a destruição de uma (cidade) implica a destruição de outro (imperador).

O que parece ter sido retido pela memória coletiva na literatura de tradição oral e no teatro popular, incluindo neste os textos escrito e cénico das cavalhadas, parece-me radicar num outro processo diverso, ainda que o objetivo seja idêntico. Conservada a matriz da luta entre cristãos e mouros, a batalha encontra-se, ali, ritualizada e a violência contida porque sacralizada (GIRARD, 2006). Isto também na versão açoriana, onde permanece apenas o rito sacro da homenagem ao divino sob a forma de cavalgada que se dirige à igreja, em «filas ordenadas» (GAUDÊNCIO, 2006: 59). E no percurso entre os continentes separados pelo Atlântico, o turco ou o sarraceno textual integrou simbolicamente o rival local que o índio, ou outro indígena, poderia representar.

Não restam dúvidas sobre a permanência daquelas imagens nas várias obras. E o facto de o nome ser um dos elementos desta permanência, corrobora o fundo mítico associado aos diferentes textos, porque «o que associamos ao nome, é uma família de descrições» (KRIPKE, 1982: 19) [tradução minha].

Parece-me também que a variabilidade dos motivos e as diversas configurações e reconfigurações encontradas contribuem sobremaneira para o que podemos chamar de Imaginário textual, no qual a variante – diferentes versões, segundo Bernard Cerquiglini (1983)– introduz um sentido outro que importa ter em conta na compreensão do ato narrativo enquanto manifestação estruturante do Humano e da Grande Ordem. Não se trata, portanto, de percorrer um conjunto de imagens que se mimetizam

diacronicamente. Procura-se, a partir da imagem que os motivos e os nomes veiculam, salientar o significado de cada variação e compreender a sintaxe que estas relações produzem no âmbito do Imaginário. Considero, por isso, que o Imaginário textual encontra nas narrativas verbais, icónicas e cénicas aqui identificadas uma exemplificação plena.

#### **BIBLIOGRAFIA CITADA:**

BRAGA, Teófilo. **Historia da Poesia Popular Portuguesa**. Ciclos épicos. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Manuel Gomes Editor, 1905.

\_\_\_\_\_. **Romanceiro Geral Português**. Lisboa: Veja, 1982, Vol. I.

BUESCU, Ana Isabel. Aspectos do Bilinguismo Português-Castelhano na Época Moderna, **Hispania**, LXIV/1, n. 216, p. 13-38, 2004.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Três ensaios franceses**. Natal: F. J. Augusto, 1977.

\_\_\_\_\_. **Mouros, franceses e judeus: três presenças no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

CASTETS, Ferdinand (éd.). **Turpini Historia Karoli Magni et Rotholandi**. Texte revu et complété. Montpellier : Au Bureau des Publications, 1880.

CERQUIGLINI, Bernard. Eloge de la variante, **Langages**, n. 69, p. 25-35, 1983.

DIDOT, Firmin. **Essai de Classification des Romans de Chevalerie**. Paris : Typographie de Ambroise Firmin Didot, 1870.

DUFOURNET, Jean (trad.). **La Chanson de Roland**. Paris : Flammarion, 1993.

DUMÉZIL, Georges. **Mythe et Épopée I. II. III**. Paris : Gallimard (s.d.).

EGINHARD. **Vie de Charlemagne**. Nouvelle éd. Paris : Les Belles Lettres, 2014.

FAURIEL, Claude. **De l'Origine de l'épopée chevaleresque du Moyen Age**. Paris: Imp. Auguste Auffray (extrait de la *Revue des Deux Mondes*), 1832.

FRANCO, Luís. **Auto de Floripes**. Neves – Viana do Castelo: Núcleo promotor do Auto de Floripes, 2011.

GAUDÊNCIO, Alexandre. As Cavalhadas e As Alampas de São Pedro, **Revista da Câmara Municipal da Ribeira Grande**, n. 3, p. 58-61, 2006.

GAYANGOS, Pascual. **Libros de Caballerías**. Madrid: M. Rivadeneyra, 1857.

GICQUEL, Bernard. **La Légende de Compostelle**. Paris : Taillandier, 2003.

GIRARD, René. **La Violence et le Sacré**. Paris : Hachette Littératures, 2006.

GODINHO, Helder. L'Espace Du Personage dans la "Chanson de Roland". In: \_\_\_\_\_ (Dir.), **Em Torno da Idade Média**. Universidade Nova de Lisboa-FCSH, p. 53-75, 1989.

- HIDALGO, Italo. **La persistencia del ciclo carolingio en Guatemala y Centro América.** (s.l.): Instituto Indigenista Nacional – Ministerio de Cultura y Deportes, 1988.
- KRIPKE, Saul. **La logique des noms propres** (Naming and Necessity). Paris: Les Editions de Minuit, 1982.
- KULLBERG, Carlos. **Selos de Portugal.** Álbum B (Blocos 1974/1990). (s.l.): Edições Húmus, 2007.
- MACEDO, José Rivair. (2008). Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo mundo. **Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre | BUCEMA** [Enlignee], Hors-série n. 2, mis enlignee le 25 janvier 2009. URL: <http://cem.revues.org/8632>; DOI: 10.4000/cem.8632. Acesso em: 18 nov. 2014.
- MACIEL, Domingos. **Os Doze Pares de França ou a Floripes de Palme.** Barcelos : separata de *Barcellos-Revista*, 1932.
- MANDAC, André de. **Naissance et Développement de la Chanson de Geste en Europe**, VI, Transferts de Mythes dans le Monde Occidental et Oriental. Genève : Droz, 1993.
- MARTINS, Mário. **Estudos de Cultura Medieval.** Lisboa, Edições Brotéria, 1982, Volume III.
- MEYER, Marlyse. **De Carlos Magno e outras histórias: mouros e cristãos no Brasil.** Caicó: Editora da UFRN, 1995.
- MICHEL, Alain. Du héros antique au *Roland Furieux*: le chevalier, le courtisan, le saint. In : JONES-DAVIES, M. T. (Dir.). **Le Roman de Chevalerie au temps de la Renaissance.** Paris : Jean Touzot, p. 11-27.
- MORAES, Francisco de. **Palmeirim de Inglaterra.** Ed. de Margarida Santos Alpalhão. Lisboa: FCSH-UNL. Tese inédita, 2009.
- MUNIZ, Márcio. A representação dos turcos na dramaturgia do século XVI português, **Revista Diálogos Mediterrânicos**, n. 6, p. 167-177, 2014.
- NOGUEIRA, Carlos. A Literatura de cordel portuguesa, **eHumanista**, v. 21, p. 195-222, 2012.
- OURIQUE, Ana; JACHEMENT, Célia. **Cavalcadas: uma tradição de raiz milenar.** Porto Alegre: Edições EST, 1997.
- PEREIRA, Paulo. Caminhos do Universo Carolíngio - o Tchiloli de São Tomé, **Educação** – Temas e Problemas, n. 5, p. 67-89, 2008.
- PEREIRA, Niomar. **Cavalcadas no Brasil: do cortejo a cavalo a lutas de Mouros e Cristãos.** Escola de Folclore, 1984.
- RAPOSO, Paulo. O Auto da Floripes: “cultura popular”, etnógrafos, intelectuais e artistas, **Etnográfica**, v. II (2), p. 189-219, 1998.
- SILVA, Fabiano. **O Imaginário cavaleiresco medieval no Brasil: as cavalcadas.** (s.l.): FCSH-UNL. Tese inédita, 2001.
- SUBRENAT, Jean. Laudatio Turpini. Simples réflexions sur la Chronique du pseudo-Turpin. In : VALLECALLE, Jean-Claude (Dir). **Le Livre de Saint Jacques et la**

**Tradition du pseudo-Turpin.** Sacralité et Littérature. Lyon: Presses universitaires de Lyon, 2011, p.69-85, 2011.

VALVERDE, Paulo. Carlos Magno e as Artes da Morte: estudo sobre o Tchiloli da Ilha de São Tomé, **Etnográfica**, v. II (2), p. 221-250, 1998.

WALTER, Philippe (dir.). **Introduction aux méthodologies de l'Imaginaire.** Paris: Ellipses, 1998.